

ASPECTOS TÉCNICOS E SIMBÓLICOS DA VIDA DOS CAMPONESES

Manoel Moacir Costa Macêdo¹

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora da UnB, 1997. 192p.

O livro em destaque tenta relacionar o modo de vida dos camponeses e o seu próprio saber no processo de trabalho com a terra. Está organizado em cinco partes: Introdução, A História da Terra, A Etnografia do Processo de Trabalho, Considerações Finais e Bibliografia. O livro trata com realce o processo de trabalho dos camponeses nordestinos como sendo a “articulação das forças produtivas com relações sociais de produção ... que o fazem construir não apenas espaços agrícolas, mas também sociais” (p. 2 e p.10), incluindo o modo de *saber fazer* dos camponeses e de suas famílias.

Observações e entrevistas adicionais às fontes secundárias do estado-da-arte foram coletadas nos municípios do estado de Sergipe, principalmente os de Itabi e Ribeirópolis, na agência de extensão rural e assistência técnica, nos sindicatos de trabalhadores rurais e no registro das atividades rotineiras dos trabalhadores, dos assalariados, dos sitiantes e seus familiares. Como sitiantes, os autores identificam “alguém que está situado, tendo uma posição definida na sociedade: é alguém de dentro”, é ainda “a organização do processo de trabalho que envolve trabalho, terra e família” (p.17 e p. 145). O fundamental é entender o processo de trabalho, as relações sociais de produção e as forças produtivas, no contexto do processo produtivo do camponês. Neste sentido, torna-se necessário mostrar a especificidade do trabalho dos camponeses, conhecer o modelo cultural, a história e as tradições onde eles estão inseridos.

Os autores relatam no conjunto dos capítulos de forma simples e compreensível o *saber fazer* dos camponeses em relação ao solo, à terra, às plantas e aos animais. Eles recuperam de maneira objetiva as contradições

¹ Engenheiro Agrônomo, Ph.D. em Sociologia. Pesquisador da Embrapa. E.mail:mmacedo@sede.embrapa.br

entre o chamado *saber técnico* (dos agrônomos e veterinários da modernização da agricultura, dos fertilizantes químicos e dos pesticidas) e o *saber popular local* (o benzer o pasto e o gado, o recorrer aos santos, o observar das influências das fases da lua e os desígnos de Deus) no processo de produção. A produção de alimentos, a criação de animais, as diferenças entre o trabalho do homem e da mulher e a luta pela terra são analisadas no contexto das contradições entre o antropológico, o cultural, o tradicional, a chamada modernização tecnológica e o método hipotético-dedutivo. Para os autores, a relação do camponês com a terra reflete uma *praxis* ideológica, “que juntamente com a produção de alimentos, produz categorias sociais, pois o processo de trabalho além de ser um encadeamento de ações técnicas, é também um encadeamento de ações simbólicas, ou seja, um processo ritual. Além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura” (p.15). Assim, o ato da produção e do consumo é uma ação total, social, política, ideológica e cultural.

No capítulo sobre *A História da Terra*, os autores descrevem a persistente e arcaica concentração de terra, por meio das chamadas *soltas* (extensas áreas de terra não cultivadas, porém utilizadas no pastoreio extensivo do gado), apropriadas pelos chamados *fortes* proprietários. No avesso, são reservados, à reprodução dos camponeses, os chamados *chãos de roça e malhadas*, limitados pela simbólica *cerca dos fracos* e especializados na produção de alimentos e na absorção de mão-de-obra familiar, embora incapazes de evitar a invasão do *gado dos fortes*. Os argumentos empíricos, focalizados pelos autores, são analisados no extenso capítulo referente à *Etnografia do Processo de Trabalho*. Aqui, os autores examinam o processo de trabalho, por meio de categorias antropológicas identificadas como *o lugar do trabalho* dos camponeses e dos seus familiares, *o trabalho com a terra, a construção do solo, o plantio e a lógica do espaço, a lógica do consorciamento, e o forte e o fraco; o quente e o frio*. Em verdade, são categorias que, embora imprescindíveis à real compreensão do modo de vida dos agricultores e do seu próprio *saber fazer*, são rotuladas pelo *supremo saber técnico* como atrasadas, inadequadas ou destituídas de confiabilidade e significância no plano *positivista* do método científico.

Nesta perspectiva, os autores descrevem, de forma concisa e estimulante, o sentido cultural e antropológico dos espaços como *o mato, a capoeira, o chão de roça, o pasto, a casa de farinha, a casa e o quintal*. Eles compõem o

conjunto do processo de trabalho, de produção e de consumo, os quais se diferenciam na contradição dos interesses dos camponeses e dos grandes proprietários. Em fato, eles não são diferenciados para os detentores do *saber técnico*, para os responsáveis pelas definições de prioridades de pesquisa e para os formuladores de políticas públicas. O processo de trabalhar a terra seguindo a lógica do *saber fazer* do camponês distingue as terras *fracas* das *fortes* e as atividades intensivas de trabalhar a terra pela de mão-de-obra familiar (*malhada e chão de roça*). Ademais, sobressai-se a divisão rigorosa do trabalho, a diferenciação no uso dos instrumentos de trabalho e a distribuição de alimentos entre o homem como o pai de família o qual “dá a direção” do processo de trabalho, e a mulher que tem a responsabilidade de trazer “os produtos da roça”, e torná-los consumidos como alimentos (p. 37 e p. 52). O homem trabalha fora da casa, enquanto a mulher cuida das lides domésticas e dos filhos.

Os autores ainda identificam uma estreita relação entre as fases do processo de produção e o modo de vida dos camponeses. Ou seja, algumas atividades do sistema de produção camponês (*broca, derruba, coivara, plantio, limpa e colheita*) exigem uma alimentação diferenciada, que os autores chamam de *alimento forte e alimento fraco*. Por exemplo, as atividades de *broca e derruba* são efetuadas pelos homens e pela manhã e exigem alimento *forte*. Isto significa, que na lógica do *saber fazer* camponês “o processo ideológico está imbricado no processo de trabalho e condiciona a relação entre o consumo alimentar e a participação” da força de trabalho na produção (p. 53).

É importante verificar a contribuição dos autores, para o entendimento da forma de produção camponesa, isto é o enfoque do consórcio como uma estratégia da ocupação de espaços, em outros termos o aproveitamento escasso da terra e a utilização racional dos meios de produção. A distribuição e a arrumação dos cultivos no tempo e no espaço espelham a sabedoria herdada dos camponeses. *Mandioca, fava, feijão-de-corda, algodão, batata-doce, amendoim, milho, jerimum e capim* são cultivados seguindo o princípio da “alternância entre produtos quentes de longa duração e de curto tempo de duração e de curto tempo de permanência na roça” (p. 122). Para o camponês, “o processo de trabalho é definido não apenas pelas exigências das plantas” (p. 122), mas pelo uso de “mão-de-obra, pela divisão entre produtos principais e secundários” (p. 127) e pela disponibilidade financeira, ou seja, para o camponês

“o adubo químico é frio e caro” (p.131). No capítulo das *Considerações Finais* os autores afirmam que o processo de trabalho do camponês e em consequência o seu ato de produzir são complexos, nos quais interagem o espaço, o meio ambiente, a cultura, a ideologia, a divisão do trabalho, a cooperação, as crenças e os costumes, todos agindo como “um modelo ideal, mas que é muito mais que um simples saber agrônômico, aproximando-se de uma construção cosmológica, de uma construção do mundo; é por isso que é também um processo moral” (p. 159). Em outras palavras, o *saber fazer* camponês “constitui um modelo de apreensão do mundo, com relativa coerência interna; um *know how* cujos pressupostos são dominados cognitivamente pelo camponês, ao contrário das premissas do *pacote tecnológico* originado da ciência ocidental, onde o saber é compartimentado e cujas premissas estão fora do domínio cognitivo do sitiante” (p.180).

Finalmente, o livro traz contribuições valiosas para aqueles que desejam conhecer o modo de vida do camponês e a forma de produção e reprodução da lavoura campesina. É uma obra original, valiosa e preenche uma lacuna nesta área. É útil para professores, extensionistas e, principalmente, pesquisadores que formulam problemas de pesquisa e testam hipóteses científicas no contexto do processo de geração de tecnologia agropecuária. Ele é holístico, abrangente e dialético, ao invés do reducionista e metafísico. No entanto, carece de análises mais consistentes sobre o papel da ciência e da tecnologia no processo de trabalho do camponês. Ademais, resente-se a ausência de informações sobre o papel das organizações de geração de tecnologia agropecuária.

REFERÊNCIAS

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora da UnB, 1997. 192p.